

DEVÉS-VALDÉS, EDUARDO.
PENSAMENTO PERIFÉRICO.
UMA TESE INTERPRETATIVA GLOBAL.
Idea – Usach, 2012. 1.050p. Disponível em:
<www.eduardodevesvaldes.cl>.

Horacio Bernardo

Universidad de la República – Uruguai.
proximafrase@yahoo.com

1 INTRODUÇÃO E ASPECTOS GERAIS

A obra “*Pensamento periférico. Uma tese interpretativa global*”, de Eduardo Devés-Valdés, é uma contribuição de primordial relevância dentro dos estudos eidéticos recentes. A tese interpretativa global de Devés-Valdés surge como produto de mais de 10 anos de pesquisas e reflexões, tarefas que incluem um minucioso e paciente trabalho de leitura e interpretação de fontes e coleções filosóficas, por intermédio da realização de várias jornadas intelectuais, ao longo das quais o autor foi construindo e ampliando o alcance de seu pensamento.

Em sua caminhada intelectual, pode-se destacar alguns pontos que conduzem à criação de *Pensamento Periférico*. Em 1999, com a publicação de “*El pensamiento en Chile en el siglo XX*” (em colaboração com Rafael Sagredo e Javier Pinedo), o autor abordou o espaço eidético de seu país.¹ Posteriormente,

¹ É importante destacar que na obra de Devés, o âmbito local, o regional e o global estão articulados. Mesmo quando o autor propõe teses que ultrapassem o nacional, não deixa de dar importância aos estudos eidéticos locais. Neste sentido, recentemente tem destacado que “é necessário atualizar as histórias eidéticas nacionais, ao menos uma vez a cada geração (cada 20 anos)”. Disponível em: <www.eduardodevesvaldes.cl>.

esta abordagem se ampliou ao espaço continental, com a publicação dos três volumes de “*O pensamento Latino-americano no século XX*” (Tomo I, 2000, II 2003, III 2004).² Nestes volumes já se percebem claramente os elementos que integrarão a proposta conceitual de *Pensamento Periférico*. O primeiro elemento constitui-se pelo interesse do autor em estudar o pensamento periférico (no caso latino-americano), em relação (ou mesmo contra) o pensamento central econômico, político e intelectual global. O segundo elemento consiste na relevância dada por Devés a outros saberes eidéticos, que não advêm do discurso filosófico (como o das Ciências Sociais), o que lhe permite ampliar seu horizonte de investigação a fim de encontrar redes de circulação de ideias. Estas características de suas investigações continuam presentes e se reforçam mutuamente quando Devés avança e amplia ainda mais o âmbito de investigação, estendendo-o em direção ao pensamento asiático, africano e ao de outras regiões eidéticas. Nestes trabalhos, o autor vai detectando pontos de conexão que irão conformando sua tese desde o global para a periferia.

Para ilustrar tal fato, vale a pena tomar um de seus trabalhos. Por exemplo, duas ideias e orientações metodológicas presentes na obra “*El pensamiento africano subsahariano. Desde mediados del siglo XIX hasta la actualidad*” (2011) ampliaram os conceitos utilizados para abordar o espaço eidético latino-americano e, por sua vez, serão contribuições conceituais para o âmbito global abordado em *Pensamento Periférico*. A primeira destas ideias é o interesse do autor em mostrar que cada região periférica compartilha interesses e sensibilidades que estabelecem importantes pontos de conexão entre suas propostas (elemento que pode passar despercebido em abordagens que se fecham ao âmbito regional). Uma segunda ideia é a relevância (poucas vezes estudada) que Devés dá aos vínculos eidéticos entre regiões periféricas

² O primeiro deles, intitulado “De Ariel de Rodó à Cepal” obteve o Prêmio Pensamento de América “Leopoldo Zea” no ano de 2000.

(África Subsaariana e América Latina, no caso do volume sobre pensamento subsaariano), o que abre a possibilidade de conceber e fortalecer redes de pensamento que não estão necessariamente vinculadas ao centro.³

Deste modo, a trajetória de Devés pode ser pensada como uma progressiva ampliação em círculos concêntricos de seu âmbito de estudo (local, regional e global), que não deve ser entendida unicamente como uma ampliação quantitativa, mas como um percurso em direção a uma mudança de perspectiva que lhe permite construir uma visão global. Devés propõe falar sobre aquilo que passa despercebido sob o olhar da ótica puramente regional e, adicionalmente, busca encontrar os elementos comuns mínimos que possam permitir o diálogo entre as distintas regiões periféricas. Neste sentido, sua tese está intimamente ligada à noção de redes intelectuais, pois é na perspectiva de fortalecimento destas redes que adquire sentido o trabalho de falar de um mínimo comum que permita conectar regiões diversas geralmente isoladas.

Devés entende por pensamento periférico “aquele emergido no seio de comunidades impactadas pela presença, bem próxima, do novo centro, que transforma a tradicional compreensão do mundo que possuíam” (p. 38). A partir desta definição, e tendo consciência da diversidade de cada região, Devés sustenta que todas as manifestações de pensamento periférico possuem um elemento mínimo comum nos últimos três séculos. Este elemento é um dilema que aponta para o fato de que o pensamento periférico se move em alguma destas modalidades: ou ao lado das propostas centralistas que postulam modos de ser-igual-ao-centro, ou ao lado das propostas identitárias, que buscam modos de sermos-nós-mesmos. Devés afirma:

³ Exemplos como o vínculo entre a teoria da libertação latino-americana e a teoria negra, ou as ressignificações subsaarianas do dependentismo, são elementos que apontam nesta direção e que farão parte da metodologia de estabelecimento de redes intelectuais que aparecerão com maior amplitude em *Pensamento Periférico*.

A maneira mais clara de entender o pensamento que emergiu nas regiões periféricas, durante os últimos séculos – regiões geralmente submetidas à processos de invasão ou colonização – consiste no dilema ser-igual-ao-centro versus sermos-nós-mesmos. Com este dilema, se deparou a intelectualidade latino-americana, a africana e a asiática, bem como a eslava, a balcânica e a ibérica deste tempo (p. 13).

O livro propõe percorrer uma trajetória histórica para mostrar que, apesar da diversidade de conjunturas de cada uma das regiões, este dilema básico se manteve vigente até o alvorecer do século 21. Cabe destacar, porém, que Devés não busca nem considera possível, partindo deste ponto, construir uma Filosofia da História para regiões periféricas. Ao contrário, ele destaca enfaticamente esta impossibilidade e, de forma irônica, afirma que “lamentavelmente não há Hegel nem outras mentiras que o centro possa contar-se nem nos contar” (p. 79). Trata-se sim, de mostrar o dilema periférico em sua evolução histórica concreta, examinar suas possibilidades e limitações, e, em seguida, fornecer ferramentas para sua superação. Neste sentido, a proposta de Devés não implica apenas uma ampliação historiográfica, mas um desvio conceitual que permita visualizar elementos que são pontos cegos a partir do olhar local e regional.⁴

Em outras palavras, o propósito mais ambicioso da obra de Devés não é historiográfico, mas filosófico. Cobre a globalidade da periferia para capturar aquilo que apenas pode ser visualizado desta ótica. Pode-se pensar, então, que seu propósito consiste em dar um “giro copernicano”, a partir do

⁴ Este desvio se realiza mantendo alguns conceitos tradicionais da Filosofia latino-americana da segunda metade do século 20, como “periferia” ou “desenvolvimento”. Neste sentido, a matriz metodológica de Devés se inspira no modelo latino-americano, destacando alguns aspectos metodológicos que aproximam sua obra com a de Zea. A respeito de sua extensa investigação, destaca:

Se trata de pensar o mundo dos últimos séculos a partir de sua trajetória eidética, inspirando-se a partir da escola de origem latino-americana (particularmente a obra de Leopoldo Zea), embora explicitamente tratando de ir além, acolhendo e assumindo aportes da intelectualidade da Ásia, África e de outras regiões que “pensam periféricamente”, como a eslava, a russa-eurasiática, a ibérica, a balcânica e, até mesmo, em alguns momentos, a oceânica (p. 902).

qual seja possível pensar a superação das limitações do pensamento periférico. Este “giro copernicano” que percorre as numerosas páginas da obra, pode ser expresso a partir dos seguintes argumentos:

1. Devés inicia considerando que cada região periférica, nos últimos três séculos, pensou a si mesma em relação ao centro (seja para imitá-lo ou para se distanciar dele), o que impôs a estas regiões graves limitações conceituais, pois pensar deste modo implica impossibilidade de pensar a si mesmo sem ter como referência este centro ao qual seu pensamento está preso.
2. Devés destaca que, embora com o passar do tempo em cada região periférica tenha avançado a consciência de saber-se periferia, esta tomada de consciência ainda está presa ao dilema periférico, pois ainda segue-se pensando ao centro em primeiro lugar, para, somente depois, pensar a si mesma. Isto constituirá um ponto cego para cada região individualmente considerada.
3. Esta cegueira é possível porque cada região periférica atua dando pouca ou nenhuma atenção para outras (que, casualmente se encontram no mesmo dilema), como se entre elas não houvesse coisa alguma para aprender, nem tivesse existido contato, circulação de ideias e redes. O pensamento periférico (que absolutiza de algum modo a relação centro-periferia) está fundado no fato de ignorar ou minimizar o que acontece nas outras regiões periféricas (em outras palavras, as relações periferia-periferia).
4. Se, no entanto, mudarmos a perspectiva e adotarmos um ponto de análise global, capaz de abarcar diversas regiões periféricas, é possível visualizar e valorizar os contatos que efetivamente existem entre as mesmas. Considerando distintas periferias, os pontos cegos tornam-se visíveis e começa a surgir o que estava oculto. Aparecem vícios e debilidades compartilhadas, assim como fortalezas e pautas comuns de diálogo. É a partir desta perspectiva periférica e

global que se pode criar, segundo Devés, um pensamento capaz de superar o dilema periférico e suas limitações. O intento de Devés é contribuir com um desvio, por meio de uma rigorosa justificação historiográfica e conceitual.

Esta perspectiva, deste modo, não pode ser exclusivamente local nem regional, mas partindo do ponto de vista da globalidade e da totalidade da periferia. Por isso, Devés aborda o conceito de “planética”, destacando que seu projeto intelectual “trata de pensar planeticamente a totalidade das periferias, pensar sua condição de periferia para deixar de ser periferia” (p. 24), razão pela qual “trata de elaborar uma teoria geral do pensamento das regiões periféricas” (p. 26). Sua abordagem, portanto, busca romper com a dicotomia entre o centro e cada periferia particular, para pensar a partir de redes nas quais as relações não ocorrem apenas na clássica dicotomia centro-periferia, mas em que a relação periferia-periferia seja possível, frutífera e com digno *status* epistêmico.

Dentre a multiplicidade de elementos que apontam na direção da comprovação destes elementos no livro, pode-se destacar três linhas principais (que de modo algum devem ser compreendidas como as únicas possíveis):

1. Uma primeira linha consiste no estudo do *processo histórico de formação e desenvolvimento do pensamento periférico* das regiões estudadas.
2. Uma segunda linha é configurada pela *proposta metodológica* do autor, enquanto modo de abordagem do campo eidético e ampliação do mesmo.
3. E uma terceira linha, que consiste na proposta de Devés tendente à *superação do pensamento periférico* e dos obstáculos que permeiam seu dilema central.

A partir de agora, serão analisados brevemente alguns aspectos de cada uma destas linhas apontadas.

a) Processo histórico de formação e desenvolvimento do pensamento periférico

Ao longo do livro, o estudo historiográfico das ideias serve como suporte fundamental para a exibição de três elementos centrais: a formação e desenvolvimento do pensamento periférico, a formação de redes intelectuais e a presença constante do mínimo comum no pensamento periférico, qual seja, o dilema *ser-igual-ao-centro/sermos-nós-mesmos*. O estudo está dividido em seis períodos. Para cada uma deles, Devés estuda a situação de cada uma das regiões periféricas abordadas, permitindo ao leitor encontrar algumas conexões e divergências sem ter a pretensão, como já se destacou, nem de criar um macrorrelato periférico, nem uma Filosofia da História.

No *primeiro período*, Devés estuda as manifestações do pensamento que anunciam o dilema periférico, cobrindo aspectos centrais do século 18 e das duas primeiras décadas do século 19. Identifica, neste período, a gênese do pensamento periférico para as regiões estudadas (exceto para a África Subsaariana, na qual o dilema se apresentará mais tarde).

Entre os elementos destacados pelo autor, cabe assinalar a constatação de que o pensamento periférico surge, em grande parte das regiões, mais vinculado a questões pragmáticas que a questões das ideias propriamente ditas. Percebe-se tal fato a partir da primeira expressão do pensamento centralitário na figura de Pedro, o Grande (p. 84), cujas reformas implicaram clara ocidentalização da Rússia de sua época, no campo educativo, militar, administrativo, arquitetônico, etc. Este ser-como-o-centro, vinculado inicialmente a necessidades práticas, também é experimentado pelo Império Otomano, ante a conjuntura de decadência e perda territorial, tal como reflete o pensamento do Ibrahim Muteferrika, ou também na China, no Extremo Oriente, de onde “a busca de imitação e adaptação foi pensada de um modo pragmático (no que) se tratou de apropriar-se das tecnologias mais do que dos fundamentos da ciência e da cultura que as havia possibilitado” (p. 98).

Por outro lado, no caso da América Latina, surgirá o dilema periférico em torno da substituição da tutela espanhola e da independência, enquanto na Índia, surgirão preocupações com a industrialização da região, a qual chegou a considerar-se possível “se fosse colonizada por um tipo ‘superior’ de europeus”, mostrando, assim, surtos de pensamento centralitário.

Todos estes elementos marcaram diversos modos de maturação do dilema periférico em cada uma das regiões, que irá se aprofundando e complexificando nos períodos sucessivos.

Esta complexidade é abordada por Devés em um *segundo período*, no qual estuda as protoformulações e o amadurecimento do dilema em algumas periferias, no período de 1820-1870. Nesta etapa abrem-se possibilidades de redes periféricas, tanto nos lugares de origem, ou no centro, e, fundamentalmente, tendo como ponto de referência cidades do centro, tal como aconteceu com a influência do pensamento de Mickiewicz, por intermédio da intelectualidade periférica em Paris (p. 143). Adicionalmente, neste segundo período, começa a surgir a tomada de consciência da condição periférica. Devés destaca que

Colocou-se como início deste período a década de 1820, com o fim do pensamento ilustrado e o início do pensamento romântico associado, na América Latina, com a construção dos estados nação, na Rússia e no mundo eslavo, com o estabelecimento da clássica polêmica entre ocidentalistas e eslavófilos, com a fundação do Brahma-Samaj e da Jovem Bengala na Índia, do Fourah Bay College em Serra Leoa e a instalação de certa intelectualidade negra de afrodescendentes na Libéria, com o envio de grupos de estudantes egípcios e otomanos para a Europa (p. 134).

Um dos pontos centrais para a compreensão do período é considerar que as posições centralitárias, que se gestavam por meio da imitação, começam a transformar a realidade concreta das regiões periféricas. A arquitetura se ocidentaliza. Os intelectuais enviados ao centro para estudar passam a ocupar postos de comando, trazendo ideias do centro e, em muitos casos, depreciando

a realidade local. Os métodos administrativos se modificam. A vida cotidiana sofre transformações. Este processo gerará sua reação crítica e identitária, a qual denunciará tais mudanças como intromissão, perda de identidade, imitação acrítica e perda de tradições, que confirmarão o sentimento de inferioridade a respeito daquilo que se imita.

Tais posições identitárias aprofundam o dilema periférico, sendo, em algumas ocasiões, conservadoras (como no caso russo ou islâmico), ou progressistas, como no caso da região latino-americana, defendendo assuntos como “pensamento livre, democracia e república” (p. 168).

Com suas variações, as reações identitárias, junto com as posições centralitárias, reforçam ainda mais o dilema periférico. Na Índia, esse dilema aparecerá nas discussões sobre “o idioma com que deve ser feito o ensino, a recepção de tecnologias e ideias provenientes do Ocidente, a eventual reforma dos costumes e a incorporação dos princípios emanados da Ilustração e dos direitos humanos” (p. 182). No Império Otomano, discussões sobre os limites da imitação foram igualmente influentes. No caso japonês, verificou-se um caráter duplamente periférico (periférico a respeito da China – centro regional – e a respeito da Europa – centro global). É também neste período que a África Subsaariana se integra ao dilema periférico.

No *terceiro período*, Devés estuda os anos de 1870 a 1920, quando teve início nas periferias o positivismo e o darwinismo social, progredindo até o questionamento radical e exaustão destas posições. Devés destaca:

[Acontecem] muitas transformações que tem a ver com a questão eidética e intelectual: a Meirokusha no Japão, o positivismo na América Latina, a organização dos jovens Otomanos e a obra e rede de Afgani e Abdú nas regiões islâmicas, a obra de Blyden, Horton e os “saros” na África subsaariana, a chegada da teosofia ao Sri Lanka e à Índia (p. 212).

Este período corresponde à radicalização da dicotomia periférica. Anti-imperialismos, nacionalismos e pan-ismos serão as formas de cada região periférica se relacionar com o centro.

Neste período, o autor analisa o peso das incipientes redes intelectuais periféricas, estudando as redes de renovação islâmica (e nelas o papel de Afghani), as redes em relação ao nacionalismo índio, as redes em torno do arielismo, o pan-negrismo na África-subsaariana e o pan-asiatismo, entre outras.

O *quarto período* inclui os anos de 1920 a 1950, mostrando as expressões do identitarismo e centralismo conservadores e suas versões progressistas associadas aos movimentos independentistas do mundo colonizado. Três fatos de dimensão mundial influenciaram (de modos e intensidades distintas) o pensamento periférico do período: A Revolução Mexicana, A Revolução Russa e a 1ª Guerra Mundial. É neste período que, para Devés, ocorre um forte enfrentamento entre as posições centralistas e identitárias, com forte inclinação identitária até meados do século 20 (p. 395), respeitadas as particularidades de cada região.

Assim, por exemplo, o identitarismo na China enfrentou a necessidade de encontrar uma saída para a humilhação que lhes era imposta pelos tratados internacionais. A reação identitária índia, de Mohandas Gandhi, incorporou um discurso de não violência, e rechaçou a competição com o Ocidente, que considerava “um convite ao suicídio” (p. 431). Para as regiões islâmicas e árabes, os componentes religiosos e linguísticos respectivamente se incorporaram ao dilema periférico. Na região subsaariana, os movimentos pan-africanistas enfatizaram questões educativas, combatendo a discriminação aos negros imposta pelos canais formais de educação. O problema indígena foi incorporado ao discurso identitário latino-americano.

Continuaram também, durante este período, os processos de formação de redes intelectuais periféricas. Devés destaca uma maior articulação entre estas redes, que conseguiram conectar-se com cidades do centro (Londres ou Paris) bem como a presença de figuras intelectuais articuladoras, como Rachid

Rida, José Vasconcelos, Víctor Raúl de Haya la Torre, Sun Yat-sem e Malcolm Nurse (George Padmore) (p. 413). São importantes também as publicações articuladoras, bem como associações, federações ou reuniões que envolveram movimentos muçulmanos, pan-africanos, pan-asiáticos e anti-imperialistas, dentre outros.

No *quinto período*, Devés estuda o período compreendido entre 1950-1990, levando em consideração o início do auge das disciplinas econômico-sociais e a decadência do pensamento ensaístico-político. Nestes anos, ocorre um importante processo de mudança no âmbito das ideias, que o autor enumera claramente ao afirmar:

Em meados do século XX, reuniram-se vários fatores que contribuíram para motivar mudanças no campo das ideias: a) o fato de que a grande tarefa de independência já havia, ou estava sendo cumprida, o que torna-se secundária a tarefa de ressaltar as diferenças com relação ao império; b) a aparição de novos desafios, ligados a novas tarefas, especialmente a construção de novos estados-nação, mais ricos, igualitários e felizes; c) o enorme crescimento da camada intelectual; d) certamente, a aparição de uma nova geração; e) o desenvolvimento explosivo de uma institucionalidade universitária, acadêmica, de sociedades científicas, redes variadas e a profissionalização do trabalho intelectual; f) o grande impacto das ciências econômico-sociais americanas e a instalação do discurso sobre o desenvolvimento e a modernização; g) a aparição de um conjunto de organismos internacionais que iniciaram uma política de cooperação, instalando instituições, e enviando assessores e professores.

Estes fatores formaram uma nova paisagem intelectual, modificando os ambientes tradicionais. Nesta época, o dilema periférico tendeu parcialmente a diluir-se, pela aparição e predomínio das ciências econômico-sociais, menos receptivas a este problema que o ensaio e outros gêneros (p. 540-541).

Opera, neste período, uma mudança no modo de visualização, de um mundo “colonial” para um mundo “subdesenvolvido”, juntamente com o “terceiro-mundismo”, fruto da tensão bipolar surgida da 2ª Guerra Mundial. Neste contexto, o desenvolvimento aparece como tema central.

A respeito da importância das redes de cientistas socioeconômicos, Devés detecta pontos que lhe permitem expandir a tese que já havia sustentado no segundo tomo de seu “Pensamento Latino-americano no século XX”. Neste sentido, as ciências socioeconômicas acabam aumentando (como já havia sido feito pelo ensaio filosófico e literário anteriormente) a liberdade e independência a respeito dos conceitos herdados do centro. Nesta direção, destaca o papel do Foro do Terceiro Mundo e da Declaração de Santiago, a qual toma consciência de que “o discurso do Terceiro Mundo se alimentava de concepções do desenvolvimento que haviam sido elaboradas pela intelectualidade do mundo desenvolvida, e portanto, eram inadequadas” (p. 554).

Neste período, proliferam redes intelectuais como a muçulmana, e se posiciona o pensamento asiático nas diversas periferias, mediante o pensamento subalterno. Na América Latina, a pedagogia do oprimido (Paulo Freire) e a teologia da libertação (Gutiérrez) ganham terreno, junto ao conceito de desenvolvimento de Raúl Prebisch e da Cepal.

Certamente o maior intercâmbio de ideias e o uso do inglês como idioma deste intercâmbio, foram favoráveis ao estabelecimento de redes. Por esse motivo, “as redes intelectuais se ampliaram e diversificaram, aumentando a interconexão entre as intelectualidades periféricas, embora continuando com pouca densidade” (p. 693).

Por último, no *sexto período*, Devés estuda os anos 1990 a 2010, nos quais o dilema periférico se apresentou junto com discussões sobre globalização e identidades. Quase no final de seu trabalho historiográfico, mostra que “o dilema periférico permanecia completamente vigente, em torno dos anos 2000, e que havia intelectualidades que continuavam assumindo-se periféricas, pensando ‘estruturalmente’ em relação ao centro” (p. 695). Entre as tendências

ou escolas de maior difusão, o autor menciona o antiglobalismo (expressado fortemente pelo Fórum Social Mundial) e o neoterceiro-mundismo (p. 822), embora estas não sejam as únicas, dada a importância das noções de subalternidade, pós-colonialidade, liberalismo teológico, neoeurasismo, bem como outras correntes e tendências que, partindo do primeiro mundo, encontraram expressão na periferia como bandeira reivindicatória.

Em suma, esta extensa caminhada, ao longo de três séculos mostra, em primeiro lugar, uma rica diversidade, na qual as regiões periféricas não se comportaram de forma semelhante. O resultado das guerras, a existência ou não de um passado glorioso, a existência de exemplos exitosos, a possibilidade de construção de um projeto comum, a diversidade étnico-cultural existente em cada região periférica, a posição de poder de um povo com respeito a outros dentro da mesma região periférica, etc., foram fatores decisivos para que se verificassem diferentes adoções e assimilações do pensamento periférico. Esta diversidade, porém, sempre conserva, como matriz persistente, o dilema periférico como mínimo comum entre todas as regiões: o problema de pensar em termos de ser-igual-ao-centro ou sermos-nós-mesmos. O percurso de Devés aponta, deste modo, a existência deste ponto em comum, sem destruir a diversidade necessária entre as regiões, nem construir uma Filosofia da História.

Pois bem, o que fazer com estas descobertas a partir de agora? Que consequências práticas podem ser depreendidas deste dilema periférico? Aqui virão as linhas propositivas de Devés: a metodológica e a de superação do pensamento periférico.

b) Proposta metodológica

Uma segunda linha do trabalho de Devés-Valdés propõe oferecer ferramentas para a ação. Busca o “empoderamento das profissões do conhecimento (no intento de construir) um marco teórico que facilite pensar o mundo a partir das periferias” (p. 74).

Nesta direção, pode-se destacar três propostas metodológicas e de trabalho intelectual presentes na obra. Em primeiro lugar, a proposta de consolidação de redes intelectuais periféricas; em segundo lugar, as ideias acerca da construção de uma metodologia de bem-estar e, em terceiro lugar, a indicação das bases para a construção da “Eidologia do Desenvolvimento” como disciplina do conhecimento.

Sobre a noção de redes intelectuais, esta é central para o autor, principalmente do ponto de vista metodológico, dado que lhe permite abordar e descentralizar a história das ideias, visualizando elementos que passam despercebidos para as histórias regionais individualmente consideradas. Propõe, assim, a construção de um modo de ação global. É por isso que o autor destaca:

O estudo das redes intelectuais é um método para detectar os contatos de grande fôlego entre pessoas dedicadas à tarefa intelectual, embora não necessariamente apenas a estas, detectando assim a existência de canais de circulação de ideias e de nós mais ou menos densos (p. 37).

E, mais adiante, assevera:

O estudo das redes de intelectualidade periférica aponta igualmente para a constituição de uma sociedade civil intelectual global (p. 37).

Com relação à construção de uma metodologia do bem-estar, Devés destaca que “deve supor-se que um estudo tão amplo das regiões periféricas de algum modo deve contribuir para que se pense melhor” (p. 932). Sobre a noção de bem-estar, o autor é consciente de que esta pode ser discutível, inclusive fortemente criticada por posturas que consideram que não existem melhores nem piores formas de pensar, mas, apesar disso, sustenta que esta busca é possível, propondo-a, assim mesmo, como desafio teórico e prático. No seu entendimento:

Os critérios do bem-estar se jogam em diferentes níveis: convergem elementos propriamente lógicos, que aludem a própria racionalidade do discurso; elementos metodológicos, que aludem a um procedimento profissional de trabalho intelectual e outros elementos progressivamente menos necessários, mas não menos importantes que devem ser incluídos na medida que articulam pensamento e práxis (p. 933).

Isto é assim porque bem-estar significa

Pensar com lógica e método; pensar com precisão, [...] com informação, [...] com honestidade intelectual, [...] com criatividade inventiva, [...] com radicalidade, profundidade ou sentido crítico, [...] com sentido comum, (e assim mesmo) produzindo ideias úteis, no sentido de como resolver problemas e produzir ideias oportunas, que correspondam ao momento em que são necessárias (p. 933-934).

Sobre a construção de uma Eidologia do Desenvolvimento, Devés considera importante que a compreensão acerca dos diferentes modos de pensar das distintas regiões periféricas, possa contribuir à “produção de mais-melhores ideias” (p. 34), questão que se conecta com a necessidade de criação de novas ideias. Neste sentido,

[...] emerge o desafio dos estudos eidéticos que não se formulam unicamente com o objetivo de estudar o que se passou nos territórios eidéticos, mas também melhorar a produção de ideias-conhecimento, de maneira similar à economia do desenvolvimento, que não apenas estuda como funciona a economia, mas que busca epistemicamente contribuir para gerar desenvolvimento ou, mais amplamente, riqueza. [...] Neste sentido deve entender-se a proposta de uma subdisciplina como a “Eidologia do Desenvolvimento”, equivalente aos “Estudos do Desenvolvimento” na econômica (p. 34).

c) Superação do pensamento periférico

Uma terceira linha que pode ser detectada na obra de Devés (e que se relaciona fortemente com as anteriores), configura um dos projetos mais ambiciosos do autor. Esta tentativa consiste em oferecer ferramentas conceituais

para a superação do pensamento periférico uma vez estudado historicamente o mesmo, e por meio do ferramental metodológico proposto. Deste modo, a descrição dos processos eidéticos em diversas regiões periféricas serve como mecanismo de tomada de consciência da dicotomia básica “ser igual ao centro – sermos nós mesmos”, a fim de romper com ela e criar um pensamento que possa superar suas limitações.

Destaca Devés que “aquilo que [...] constitui ambas [...] propostas do pensamento periférico é que não são compreensíveis sem a referência ao ‘centro’” (p. 29). Por esta razão, a superação proposta é também a capacidade de superar ao centro como referência nunca questionada em ambas as opções. Em que, no entanto, consiste esta superação? Devés sustenta que

Pensar a partir da periferia é pensar a relação de alteridade, a alteridade do centro, é pensar de outro modo e é também pensar para sair da condição periférica [...] para localizar-se em alguma centralidade que ofereça a possibilidade de abandonar essa condição de párias da história (p. 72).

Para isso, é “essencial realizar a crítica à razão periférica e seus numerosos vícios” (p. 73), os quais podem sintetizar-se em dois grupos: “para os centralitários: o vício da preguiça intelectual, de evitar pensar de modo específico [...]. A respeito do espaço identitários, o vício matriz de imaginar que basta ser autóctone ou original para obter êxito” (p. 73).

Na linha da tomada de consciência do pensamento periférico, a fim de sua superação, resulta particularmente clara a síntese que Devés realiza no item 6 do Capítulo VII, “Os principais motivos do pensamento periférico: outra tentativa de ir em direção aos pontos de encontro” (p. 882-901), no qual mostra as “argumentações recorrentes que apontam na defesa, reivindicação, afirmação de alguma dimensão da realidade periférica, principalmente a respeito de argumentações desonrosas que provêm do centro”. Logicamente estes motivos não esgotam a totalidade da experiência, mas resultam uma

ordem de extraordinária utilidade, que funciona como preâmbulo do último capítulo do volume, no qual Devés aborda suas propostas para o pensamento e a intelectualidade das regiões periféricas.

Trata-se, este último capítulo, de um epílogo-ensaio, para o qual o autor prevê a possibilidade de que “se transforme em um volume autônomo” (p. 902). Aqui, parte do estudo das debilidades e fortalezas do pensamento nas regiões periféricas, no qual cada um dos elementos destacados são pontos de discussão ou de reconhecimento de certos vícios ou qualidades positivas, das quais é necessário tomar consciência. Neste sentido, na segunda parte do epílogo, Devés trata de “capitalizar as fortalezas e inclusive inverter algumas debilidades do pensamento nas regiões periféricas” (p. 925).

A partir disto, Devés finaliza destacando suas propostas, as quais se apoiam e reafirmam o que foi estudado nos capítulos anteriores. Estas propostas são: fortalecimento de redes intelectuais, empoderamento das profissões do conhecimento, o bem-pensar a partir das periferias, pensar planeticamente (isto é, pensar o mundo a partir das periferias) e desenvolver um pensamento progressista que permita “superar a condição periférica e lançar as bases para que esta condição não volte a se instalar no espaço mundial” (p. 950).

Recebido em: 28/8/2013

Aceito em: 28/8/2013